

FÉ SIM! VIOLÊNCIA NÃO! UM DIÁLOGO SOBRE RELIGIOSIDADE E OS PROCESSOS EDUCACIONAIS

FAITH YES! VIOLENCE NO ! A DIALOGUE ON RELIGIOSITY AND EDUCATIONAL PROCESSES

Douglas Oliveira dos Santos¹¹

RESUMO

O presente artigo busca fazer uma interpretação do comportamento religioso cristão no ambiente escolar, comportamentos estes marcados por processos violentos e intolerantes, que se originam em duas circunstâncias. A primeira nos pressupostos religiosos e a segunda nas verdades absolutas. Nesses dois fatores poderemos perceber aspectos intolerantes por um viés fundamentalista, que busca impor seus pensamentos a todos os indivíduos, inclusive aqueles que não fazem parte de sua religiosidade. Esta análise busca refletir a religiosidade em um âmbito de tolerância e que busque reafirmar-se na defesa do outro e suas diferenças.

Palavras-Chave: Violência Escolar; Pressuposto; Verdade.

ABSTRACT

This article seeks to make an interpretation of Christian religious behavior in the school environment, behaviors marked by violent and intolerant processes, which originate in two circumstances. The first in religious assumptions and the second in absolute truths. In these two factors we can perceive intolerant aspects due to a fundamentalist bias, which seeks to impose its thoughts on all individuals, including those who are not part of their religiosity. This analysis seeks to reflect religiosity in a context of tolerance and that seeks to reaffirm itself in the defense of the other and their differences.

Key-words: Citizen School; Public policy; Education; Speeches.

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar é formado por um processo subjetivo e plural, dentre essas pluralidades nos deparamos com informações associadas aos diversos processos interpretativos da religiosidade cristã. Levando em consideração a sociedade brasileira e sua predominância cristã, buscaremos analisar as várias manifestações religiosas cristãs nas realidades escolares dos ensinos de formação básica. Buscaremos levar em consideração a estruturação pela qual se dá a religião. Paul Tillich (2004, p. 43 - 48) ao descrever a formação moderna cristã se fundamenta na ortodoxia, de acordo com ele é importante distinguir esse movimento da igreja ortodoxa. A ortodoxia é um movimento interpretativo que acredita que seus posicionamentos são o único posicionamento correto, pois o termo ortodoxia significa “opinião correta”, assim, se fazem os princípios fundamentalistas. Essa primícia não seria o grande problema, visto que o próprio Geertz (2001, p. 155) afirma que o que crê, só crê porque acredita que a manifestação do sagrado apresentada a ele é a verdade absoluta.

Levando em consideração o princípio ortodoxo, percebemos que ao lado de seus processos interpretativos recebemos elementos de intolerância, não que a mesma divulgasse esse processo, mais no momento em que passamos a compreender que há somente uma opinião correta há uma tendência de rejeitarmos as outras opiniões. A rejeição se apresenta de forma violenta, seja ela por reações simbólicas, depreciativas, coercitiva e até mesmo física. Essa violência se configurou nas manifestações fundamentalistas. Para Oro (1996, p. 24) o fundamentalismo se configura em uma manifestação rígida, radical, que defende um princípio de pureza moral para prática da sociedade como um todo. Nesse sentido, Oro (1996, p. 26) defende que essa prática rígida se dá especificamente, porque os fundamentalistas se sentem ameaçados, amedrontados e inseguros. Essa condição é manifesta por meio de atos violentos e intolerantes.

Segundo Lage (2010, p. 39), a escola tem perdido sua finalidade, tem se tornado um espaço violento, se transformando em um espaço de repúdio, pois a cada momento que se passa, se torna um espaço de dominantes que buscam impor seus posicionamentos perante os outros, dificultando um processo educativo transformador. Acreditamos que várias questões contribuem para um processo de intolerância no ambiente escolar, porém, acreditamos que o fundamentalismo é o principal fator de violência, isso porque o fundamentalismo é o principal formador de pressupostos religiosos.

¹¹Doutor e Mestre em Ciências da Religião, pela PUC-GO (Pontifícia Universidade Católica de Goiás - bolsista CAPES). Possui Licenciatura em História pela Universo (Universidade Salgado de Oliveira), Bacharel em Teologia pelo STBE (Seminário Teológico Batista Equatorial) e pela FTBB (Faculdade Teológica de Brasília). Pesquisador em História Cultural, Educação, Filosofia da Religião e Literatura Sagrada (pr.douglasdosantos@hotmail.com).

Os pressupostos religiosos que ocasionam atos violentos

Os pressupostos são concepções estabelecidas previamente, que são introjetadas, pelas estruturas sociais, principalmente pelas estruturas religiosas. É importante deixar claro aqui que para se ter uma concepção religiosa não é necessário fazer parte de uma religião formal. As concepções religiosas são transferidas pelas relações sociais em seu tempo, isso significa que muitos atos violentos decorrentes de um princípio fundamentalista estão arraigados nos indivíduos por uma característica estrutural, ou seja, praticam, porque foram ensinados assim, e não percebem que seus atos são reproduções violentas. Porém, os indivíduos que fazem parte de uma religiosidade podem assumir características fundamentalistas e serem reforçados pela mesma no decorrer de sua vivência religiosa. Oliveira (2015, p. 42) entende que a religião possui um poder simbólico que afeta diretamente sua percepção de realidade objetiva. Na percepção da realidade fundamentalista Terrin (1998, p. 45) destaca que o mesmo fala de si, sempre pensando no outro, sem refletir a sua própria concepção.

Um dos principais intérpretes ortodoxos brasileiros, conhecido como Anglada (2005, p. 118), de origem protestante entende que a reforma pregava *toda Scriptura* (toda a escritura) e *sola Scriptura* (somente a escritura), o grande problema é que essa afirmativa estaria vinculada a uma interpretação associada à tradição religiosa. Essa tradição aliada ao fundamentalismo ultrapassa o espaço religioso e busca forçar os outros espaços a cumprirem seus costumes que são legitimados por uma interpretação rígida. De acordo com Terrin (1998, p. 45) o fundamentalismo se constrói na medida em que a tradição legitima o líder religioso como mediador da tradição, em vias práticas, o que o líder religioso afirma se torna a verdade que todos deveriam seguir. Oliveira (2015, p. 45), demonstra que a interpretação religiosa transpõe as individualidades, pois a religião se coloca como composição identitária, que acaba governando o indivíduo e estabelecendo sobre ele práticas normativas, esses indivíduos consequentemente acabam acreditando que os outros devem possuir as mesmas práticas reproduzidas por eles.

Levando em consideração o que Chamat (1997, p. 61) entende sobre a educação infantil, compreendemos que os primeiros anos de vida da criança são fundamentais em sua perspectiva de mundo. É a partir das informações recebidas neste período que as crianças estabelecem seu modo de se comportar e de lidar com aquilo que é novo e desconhecido. Relacionado às práticas fundamentalistas herdadas e o repasse dessas práticas na primeira infância, consideramos que as manifestações excludentes no ambiente escolar possuem como uma de suas bases uma propagação fundamentalista de perspectivas religiosas. Bastos (2010) ressalta que esse tipo de manifestação recai sobre uma perspectiva de “justiça” que serve ao interesse específico social, promovendo atos desiguais.

Os pressupostos religiosos, nem sempre se manifestam de forma evidente e clara, mais algumas declarações sutis se tornam fundamentos para um processo de exclusão. Macarthur Jr. (1995, p. 103) intérprete bíblico declara que uma interpretação bíblica fora da comunidade religiosa pode ser útil de alguma forma, mas jamais será necessária ao cristão. Observemos que há uma rejeição do outro velada por uma aceitação, no discurso há um padrão de superioridade manifesto comumente pelos fiéis e consequentemente introjetado nas crianças.

Siemprini (1999, p. 85) demonstra esse cenário a partir de uma afirmativa monocultural: “A realidade existe independentemente das representações humanas”. De fato a realidade está acima das representações, porém, só há possibilidade de descrevê-la pelas representações. Se há uma descrição à interpretação e se há uma interpretação, como distinguir a verdadeira? O ponto em que se manifesta de forma violenta se configura na manifestação de que sua interpretação sobrepõe à visão de mundo do outro.

Exemplo disso são as afirmativas de Lopes (2004, p. 35) e Ellisen (2007, p. 69) que rejeitam uma análise histórica da bíblia para manter as interpretações das tradições. É mediante a um pressuposto como esse que se encontram os conflitos presentes no ambiente escolar, pois, esse tipo de afirmativa estabelece um antagonismo entre as perspectivas religiosas e as declarações científicas. Nessa abordagem, a transmissão fundamentalista às crianças e jovens inseridas no ambiente escolar tende a rejeitar toda e qualquer afirmativa que supostamente questione as perspectivas herdadas da religiosidade. Albuquerque (2014, p. 35) afirma que se deve ter o respeito às diversidades presente nos alunos. Para que o diálogo e a compreensão de mundo possa se dar no ambiente de múltiplos conhecimentos, o princípio proposto por Albuquerque se fundamenta no ouvir o outro e suas perspectivas, fator esse ignorado pelo fundamentalismo.

Dada essa concepção, o fundamentalismo estrutura-se nos argumentos de que Deus deve ser compreendido como uma unidade, com os seguintes atributos: onipotência, onipresença e onisciência, sendo um Deus único que se “manifesta nos diferentes modos de sua existência”(LANGSTON, 1999, p. 33). Logo, esse conceito sobre Deus acabou se tornando o conceito base da interpretação fundamentalista monoteísta. Langston (1999, p. 33), um teólogo ortodoxo que escreveu para os teólogos de sua época afirma que “Deus é Espírito Pessoal, perfeitamente bom, que, em santo amor, cria, sustenta e dirige tudo”. As afirmações de Langston (1999), em sua “Teologia Sistemática”, tornaram-se fundamento para o processo de interpretação da Bíblia como um todo. O fundamentalismo aceita essa afirmativa como uma postura monocultural. Siemprini (1999, p. 86) afirma que essa postura entende que “A verdade é uma questão de precisão e de representação”. Sendo assim, a verdade fundamentalista é uma descrição perfeita e precisa, colocando-se como superior às outras opiniões.

Ladd (1997, p. 25) um intérprete do Novo Testamento, compreende que o olhar para os textos bíblicos se fundamenta em três parâmetros: “Deus, o homem e o pecado”, para ele Deus é enquadrado nessa realidade por toda Bíblia. Sturz (2012, p. 60) corrobora com essa ideia quando percebe que Deus se manifesta com o mesmo conceito desde Moisés ao fim do Novo Testamento. Entendendo que os dois teóricos anteriores compreendem Deus por um padrão fixo, em que Deus distingue os seres humanos pelo seu pecado e continua entendendo a humanidade por essa dualidade, Erickson (1997, p. 22), um teólogo sistemático, afirma que só é possível ter essa compreensão fixa de Deus, porque a compreensão do sagrado cristão contemporâneo é paralela a uma narrativa bíblica.

Por esse motivo Oliveira (2012, p. 14) entende que a classificação do sagrado se dá na interpretação das coisas “reais” quando classificadas como sagrado e profano. Percebemos aqui que a formação sócio-política no ocidente tem origem judaica cristã, que busca assumir as concepções do sagrado por padrões fixos associados a uma perspectiva neoliberal. Gadotti (2010, p. 3) aponta que a educação neoliberal não trabalha uma perspectiva emancipadora e centrada na vida, pelo contrário, trabalha uma perspectiva competitiva e sem solidariedade, não considerando as pessoas, seu modo de vida e suas identidades. Nesse processo de disputa, alguns movimentos buscam estabelecer seus posicionamentos sobre Deus como tentativa de superação sobre o outro. A narrativa de um Deus linear, não está associada a uma análise dos textos sagrados, mais a uma imposição dos grupos que a interpretam. Essa realidade se manifesta no ambiente escolar, quando o discente busca impor seus conceitos sobre o sagrado, conceitos estes herdados de tradições fundamentalistas, da mesma forma, o docente que se desfaz de seu papel profissional de educar, para a sumir como porta voz religioso, ignorando a perspectiva crítica do ato educacional.

Levando em consideração o que Siemprini (1999, p. 83) diz: “As interpretações são subjetivas”, compreendemos que uma realidade objetiva, acaba reduzindo a vida a uma série de enunciados, em que a vida passa a ser delimitada por esses enunciados, isso significa que aqueles que rejeitam esses enunciados estariam rejeitando a verdade, no caso de uma perspectiva fundamentalista religiosa estariam rejeitando a verdade divina. É possível perceber no ambiente escolar, grupos que classificam os outros por seus enunciados “verdadeiros” na classificação de santos e profanos, seja ela por comportamentos cotidianos, principalmente associados à prática e a orientação sexual. De acordo com esses grupos esses comportamentos deveriam ser extirpados da sociedade.

O fundamentalismo religioso delimita as diversas possibilidades interpretativas das religiosidades. Percebemos que o cristianismo possui diversos discursos sociais que trabalham as questões de gênero, as relações de poder, os debates econômicos e muitas outras possibilidades que nos fazem repensar a sociedade. Ignorar essas possibilidades é um ato “violento”. Oliveira (2012, p. 17) entende que a violência se dá pela “exclusão, discriminação, opressão, guerra que se utiliza de doutrinas, crenças e legitimações para justificar suas atitudes violentas, sectárias sejam elas simbólicas ou não”.

Se levarmos em consideração a estrutura vigente, percebemos que o fundamentalismo está associado a uma elite, elite esta que formatou a classe média da sociedade brasileira, que trabalha um conceito de família, trabalho e relações. Para Gerstenberger (1984, p. 207), esse tipo de relação está associado a uma interpretação unilateral que favorece a estrutura social estipulada pelas grandes metrópoles mundiais, que estimula a disputa e o consumo. Aceitar os processos interpretativos fundamentalistas é buscar destruir qualquer outro tipo de interpretação.

Para todos nós que trabalhamos com interpretação, temos a ciência de que não existe interpretação sem pressuposto. Todos nós somos contextualizados a partir de nossa formação familiar, religiosa e educacional, parâmetros estes que estão vinculado a nossa estrutura social, no entanto, é

preciso que o intérprete tenha consciência de que seus pressupostos precisam dialogar com aquilo que é narrado, principalmente com aquilo que é narrado pelo outro, o principal fundamento do intérprete é ouvir antes de estabelecer sua interpretação. De acordo com Míguez Bonino (1998, p. 5) o texto possui em si uma mensagem própria, independentemente do que se interpreta, dessa forma, os nossos pressupostos não podem dizer o que o texto diz. Levando em consideração a perspectiva das relações, precisamos compreender que os nossos pressupostos não estabelecem quem é o outro, pois é preciso buscar compreender o que o outro diz.

Levando em consideração a perspectiva religiosa entendemos que muitos elementos violentos se dão a partir de uma interpretação dos textos Bíblicos. Tanto Míguez Bonino (1998, p. 5), como Reimer (2005, p. 2) vão afirmar que os textos possuem uma roupagem pré-moderna, pois cada um aciona seu agente divino. Sendo assim, os personagens que buscam interpretar os textos o moldam em seus pressupostos, esses pressupostos são forjados nas estruturas religiosas, que em grande parte se concentram em experiências particulares de certos indivíduos. O que queremos dizer é que dentro de uma perspectiva cristã, a religiosidade deveria se concentrar na interpretação dos textos, de fato o cristianismo é estabelecido nesses padrões, é comum entrarmos em uma comunidade religiosa cristã e ouvirmos a explicação do texto sagrado, porém, em grande parte percebemos que os preletores não estão preocupados em compreender o que o texto diz mais no que o texto interfere na vida de quem fala.

A experiência vivida pelo preletor, ou pelos fundadores da religião cristã passa a nortear as vidas dos fiéis que fazem parte dessa comunidade. Não acreditamos que ajam grandes problemas nesse tipo de prática cristã, no entanto, muitos líderes religiosos compreendem que a sua forma de viver deve ser reproduzida por todas as pessoas, mesmo aquelas que não fazem parte de sua religiosidade, esse querer faz parte do princípio violento. Reimer (2005, p. 2) entende que no cristianismo, “os textos bíblicos devem ser fontes de onde eles poderiam fornecer a luz e pensar criativamente ações nos tempos atuais”. O problema é que essas reflexões são permeadas por uma perspectiva fundamentalista. Richard (1988, p. 6) declara que o Deus dos fundamentalistas (maneira pela qual identificamos alguns preletores e líderes religiosos) seria um Deus morto, mudo ou distante, pois o Deus deles é apenas o Deus de suas experiências. Se Deus é um Deus de uma experiência particular, qual seria o Deus do cristianismo?

Almada (2006, p. 1) retrata que a vida na comunidade possui certa dinâmica, pois ao mesmo tempo em que ela recebe, ela fornece, porém, os pressupostos estão na própria comunidade. Levando em consideração o nível de relação escolar, precisamos compreender que a identidade se dá em uma relação. “A identidade implica num processo constante de identificação do eu ao redor do outro e do outro em relação ao eu” (OLIVEIRA, 2012, p. 14). Almada (2006, p. 2) ao fazer uma reflexão da identidade religiosa, alerta que os nossos pressupostos buscam referência nos contextos estabelecidos no documento, trazendo à tona seu contexto histórico, sua tradição, sua identidade e outros fatores para que a comunidade reflita suas circunstâncias atuais. Uma interpretação fundamentalista dá a conotação que as práticas identitárias do cristianismo se fundamentam em processos de intolerância. Richter Reimer (2005, p. 3) insiste que a Bíblia é autoridade para os que choram, pois ela acolhe os corpos em trânsito entre as experiências e desejos, gerando alimento para a vida. Deparamo-nos aqui com os processos interpretativos, o grande problema, não são as tradições em si, nem o texto, mais como os indivíduos se posicionam frente a pensamentos diferentes.

As perspectivas fundamentalistas se baseiam em uma perspectiva da verdade, elemento condutor do comportamento religioso.

Quando a “Verdade” se Torna Violenta

Sabemos que a religião é dotada pelo princípio da verdade, isso porque a verdade sempre será verdade para aquele que crer. Não queremos entrar no mérito da verdade absoluta, pois essa fica a critério das investigações filosóficas. Compreendemos a verdade por uma perspectiva política, conceito estabelecido por Siemprini (1999), pois o espaço científico deslumbra a busca da verdade com a decadência do cientificismo positivista, que acreditava que a ciência era a detentora da verdade. Podemos vivenciar uma verdade por parâmetros dialéticos, ou seja, a ciência estabelece uma prerrogativa que se torna verdade no momento e ela mesma busca indicá-la ou refutá-la para que se

chegue a uma nova verdade, portanto, para as perspectivas científicas a verdade se dá em um processo dinâmico.

Compreender a dinâmica da verdade política é compreender como se dá o conhecimento:

[...] O conhecimento não brota da relação entre um enunciado e uma determinada condição do mundo, mas do fato de impor como objetivo e neutro o que é apenas uma versão da realidade, uma perspectiva entre outras (SIEMPRINI, 1999, p. 84).

A religiosidade se encaixa exatamente em uma perspectiva política da verdade, porém, a mesma possui uma dinâmica distinta da ciência, pois enquanto a ciência está disposta a se questionar, as verdades religiosas se manifestam de forma absoluta em si mesma, porém, quando migramos de uma religiosidade para a outra percebemos sua relatividade, a verdade se mostra relativa nos pressupostos do intérprete. Os intérpretes vivem em um mundo multifacetário e isto altera a percepção de como enxergam o texto. Almada (2006, p. 4) diz que a declaração *Sola Scriptura* defendida pela reforma não se referia a uma única maneira de interpretar. No entanto, o fundamentalismo entende que aqueles que não interpretam as Escrituras, a seu modo, afirmam que além de fugirem da verdade, distanciam-se dela. Esse tipo de olhar discrimina os outros tipos de interpretação.

Dentro de um ambiente coletivo e de percepção da verdade, nos deparamos com processos violentos, esse processos se manifestam em muitas vezes de forma sutil, pois em muitos momentos os discursos não correspondem aos comportamentos. “A violência imaginada ou realizada ajuda a cumprir o propósito do preconceito. O preconceito é a ideia para a qual a violência é um modo de agir” (D’ADESKY, 2001, p. 170). Nas relações entre alunos e professores está presente uma tensão ideológica, em muitos casos rígidos pelo próprio professor que na sua obrigação de expor os conteúdos proposto pela ciência rejeita o discurso por uma proposta religiosa, não compreendendo a dinâmica de sua profissão. Por outro lado, o discente já chega ao ambiente escolar com a proposta de rejeitar as proposições fornecidas pelo professor, porque o mesmo já chega com o pressuposto de que a verdade fornecida pela ciência consiste na mentira.

A falta de consciência histórica do cristianismo, não permite que os agentes escolares entendam que a formação da religiosidade cristã se deu a partir do questionamento. Paul Tillich (1999) ao descrever a construção do pensamento protestante afirma que a ortodoxia, ao questionar os padrões da Igreja Católica, abre um precedente, a possibilidade de ser questionada. Neste caso, os primeiros a questionar a ortodoxia foram os Pietistas. Esse confronto configurou-se sobre os pressupostos de interpretação dos “regenerados”¹² e dos “irregenerados”¹³. Percebemos que nesse período a grande preocupação concentrava-se na elaboração do método. Para Tillich (1999, p. 50), “a teologia da Reforma suscitou um problema educacional próprio que a levou para o racionalismo”, no entanto, não se pode negar que esse momento trouxe grandes avanços ao processo de interpretação. A breve história da religiosidade cristã se mistura com a formação da escola contemporânea. A escola se deu no processo de ouvir o outro e no momento de ouvir a verdade do outro, Oliveira (2015, p. 53) afirma que:

O reconhecimento da unicidade da minha verdade, porém, coloca-me em posição de reconhecer a pluralidade das verdades que juntas devem caminhar em busca da verdade total e definitiva. O reconhecer a verdade do outro deve necessariamente nos levar ao encontro da Verdade Absoluta.

O ambiente escolar deveria ser um ambiente de convivência, de entendimento do diferente e do outro, cremos que essa crise foi vivenciada por Nietzsche (1977, p. 117 -143) que levanta o problema estabelecido pelos princípios de interpretação, primeiro porque o próprio Nietzsche vinha de família de luteranos e iniciou o estudo de teologia. Isto fez com que ele conhecesse literalmente os fundamentos e princípios da teologia ortodoxa e do fundamentalismo. Posteriormente, Nietzsche cursou filosofia e teve contato com a filosofia clássica e com os fundamentos do historicismo moderno. Entendemos que

¹² Regenerados – só poderiam entender a Bíblia os convertidos ao protestantismo.

¹³ Irregenerados – Todos poderiam compreender a Bíblia.

Nietzsche (1977) observa a dicotomia entre “fé” e “ciência” e faz uma crítica ao método histórico, classificando-o de três maneiras:

A história é própria do ser vivo por três razões: porque é activo e ambicioso, porque tem prazer em conservar e vencer, e porque sofre e tem necessidade de libertação. A esta tripla relação corresponde a triplaforma da história, na medida em que é possível distingui-las: história monumental, história tradicional, história crítica (NIETZSCHE, 1977, p. 117).

O filósofo nessa obra mostra que a história passa a ser utilizada como um instrumento de formação da mentalidade. Sua finalidade não é utilizada para a compreensão do momento passado e nem do momento presente, mas para a legitimação dos objetivos e interesses dos grupos que a elaboram. A história ergue monumentos de referências e estipula tradições como a manipulação de massa. Nessa percepção de Nietzsche nos deparamos também como o processo de intolerância do próprio espaço científico com a verdade religiosa.

Nietzsche é considerado por Reis (2011) como pós-moderno, “primeiro, porque desconstrói as pretensões universalistas da ‘verdade moderna’. Ele sustenta que esta ‘verdade’ é apenas um produto de um sistema que produz discursivamente o certo e o errado, o falso e o verdadeiro” (REIS, 2011, p. 145). Nietzsche não está preocupado se os acontecimentos foram “reais” ou não, ele se preocupa com a ideia de retórica. “Nietzsche buscou na retórica um instrumento para refletir ‘sobre a verdade e a mentira em sentido extra moral’” (GINZBURG, 2002, p. 23). Logo, ele se preocupava com a construção de como as interpretações eram dadas, se seu diferencial estava centrado nas suas opiniões que desconstruíam o pensamento religioso, bem como o pensamento da história positivista. Na realidade, podemos perceber que ele era contrário aos métodos modernos de interpretação, pois estes possuíam fundamentos para o controle social.

Observemos que as verdades precisam ser respeitadas nos ambientes coletivos, no entanto, as mesmas precisam fazer parte de vários questionamentos, em uma perspectiva filosófica a afirmativa verdadeira precisa se afirmar por si só, por esse motivo não devemos temer as reflexões sobre nossa verdade, porém, o mais importante, não é como compreendemos, mais como nos damos na relação. Oliveira (2015, p. 52) afirma o seguinte:

A verdade não mais se baseia na exclusão e nem na inclusão, mas na relação. A partir desse novo paradigma, entende-se que nenhuma verdade está só ou isolada; nenhuma verdade é completa ou perfeita em si mesma, nem é intocável, nem absoluta (OLIVEIRA, 2015, p. 52).

Mediante essas análises sobre a verdade percebemos as manifestações escolares violentas no ambiente escolar. Ambiente esse, marcado por uma atmosfera de tensão, pois não bastam apenas procedimentos de conscientização, visto que suas verdades são estabelecidas em um processo estrutural.

CONCLUSÃO

Uma interpretação rígida não permite compreender e buscar defender-se contra as possíveis trocas na tentativa de manter uma religião absoluta e superior às outras. Percebemos que o ataque concentra-se na esfera da razão. O que nos parece é que esse período racionalista manifesta-se de maneira “antirracional”, pois considera que as pessoas buscam um procedimento em si mesmas, esquecendo-se de que a razão faz parte de um processo dinâmico, talvez, seja por esse motivo que a escola seja um ambiente de revelações violentas, exatamente pela dificuldade de compreensão da razão dinâmica.

A religiosidade cristã não estaria associada a perspectivas violentas se compreendesse que seus fundamentos se dão na interpretação do texto Bíblico, mais a mesma se confunde nos processos. Aqui, percebemos uma confusão entre as estruturas da exegese e da hermenêutica, ou seja, existe uma hermenêutica sem a prática de uma exegese. Neste caso, a exegese só se dá com os princípios interpretativos, neste sentido, poder-se-ia compreender a ideia em que a vontade de Deus se daria na tolerância.

A ideia da vontade de Deus influencia a interpretação da Bíblia. O fundamentalismo possui uma percepção do Sagrado para o homem. Assim, aqueles que não o veem como eles veem, não conseguem percebê-lo de fato. É fato que o discurso fundamentalista vai afirmar que todos devem ser

entendidos como seres iguais. Porém, o que se percebe é que essa afirmativa estabelece atos violentos de exclusão, porque nega as diferenças existentes entre os indivíduos e sua forma de pensar. O reconhecimento da igualdade acaba se tornando uma máscara para não aceitar ou reconhecer o diferente. Na história da interpretação dos textos sagrados cristãos, poderemos perceber que há interpretações que levam em consideração as mensagens transmitidas pelas narrativas, nessas interpretações é possível compreender elementos de tolerância e respeito.

Aqui, quando falamos de interpretação, não estamos ignorando a fé dos agentes interpretativos, mas o método interpretativo. O questionamento não se concentra no fato do documento ser ou não sagrado, pois na concepção cristã, ele o é. O que questionamos é que as interpretações não são sagradas. Vasconcelos e da Silva (2009, p. 11) esclarecem-nos que a Bíblia, por ser um documento, não se refere apenas às coisas “espirituais”, mas “a vida humana é objeto de consideração: a terra, o alimento, as relações de poder, a religião, os sonhos e as esperanças; nada escapa ao interesse dos textos bíblicos”.

A fé é um instrumento fundamental no espaço escolar, porque a mesma marca as nossas diferenças, é notório que aqueles que possuem fé em um ser superior, não estão apenas ligados ao ser sagrado, mas a seu código de ética. A relação com o sagrado e seu código de ética sempre vai buscar o bem estar do outro e essa percepção no ambiente escolar é fundamental, pois a escola se apresenta como um ambiente extremamente competitivo e o amor, compaixão e a solidariedade são essenciais em um ambiente de tanta pressão. O que percebemos é que em muitas religiosidades o compromisso dos indivíduos é consigo mesmo e com a sua estrutura religiosa e nesse sentido, que a religiosidade no ambiente escolar se apresenta como violenta.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Rosângela Nieto de. Imagina uma escola... conectada à vida do aluno. Recife: Construir, nº14, p.41, set. 2014

ALMADA, Samuel E. De lapalabra al compromiso - Implicaciones de una lectura bíblica que toma partido. Revista de Interpretación Bíblica Latino-Americana, Petrópolis, v. 53, , p. 31-40, 2006/1. (Impresso)

ANGLADA, Paulo Roberto Batista. Introdução a pregação reformada: Uma Investigação Histórica sobre o Modelo Bíblico-Reformado de Pregação. Ananieua-PA: KNOX, 2005.

BASTOS, Aguinaldo de. Ontologia da Violência: enigma de crueldade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

CHAMAT, Leila Sara José. Relações Vinculares e aprendizagem: um enfoque psicopedagógico. São Paulo: Vetor, 1997.

D'ADESKY, Jacques. Pluralismos Ético e Multiculturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

ELLISEN, Stanley A. conheça melhor o Antigo Testamento: um guia com esboços e gráficos explicativos dos primeiros 39 livros da Bíblia. Tradução Emma Enders de Souza Lima. 2ª ed. São Paulo: Editora Vida, 2007.

ERICKSON, millard J. Introdução a Teologia Sistemática. Tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova. 1997

GADOTTI, Moacir. Ser Professor, ser educador. Construir Notícias, Recife: Construir, V. 54, Nº09, p.03, 2010.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC editora, 1989.

GERSTENBERGER, Erhard S. Exegese Vétero-testamentária e sua contextualização na realidade. Tração de Walter O. Schupp. In. São Leopoldo: Estudos Teológicos. Vol. 24, No 3, 1984, p.203-213.

LADD, George Eldon. Teologia do Novo Testamento. Tradução de Darci Dusilek e Jussara Marindir Pinto Simões Árias. São Paulo: Exodus, 1997.

- LAGE, Nildo. A Escola dos Meus Sonhos. Recife: Construir Notícia, nº 54, p. 39, set. 2010.
- LANGSTON, A. B. **Esboço de Teologia Sistemática**. 12ª ed. Sem tradutor. Rio de Janeiro: JUERP, 1999.
- LOPES, Augustus Nicodemus. A Bíblia e seus Intérpretes: uma breve história da Interpretação. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.
- MACARTHUR JR, John F. **Nossa Suficiência em Cristo: Três Influências Letais que Minam sua Visa Espiritual**. Tradutor não identificado. São Jose dos Campos-SP: FIEL, 1995.
- MÍGUEZ BONINO, José. **Economía y hermenéutica bíblica**. In. Economía y Vida Plena. Revista de Interpretación Bíblica Latino-Americana, Petrópolis, n.30, , p. 17-24, 1998-2. (Impresso)
- NIETZSCHE, Friedrich. **Considerações Intempestivas**. Tradução de Lemos de Azevedo. Portugal: Editorial Presença, 1977.
- OLIVEIRA, Irene Dias de. **Religião e as Teias do Multiculturalismo**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- OLIVEIRA, Irene Dias de. **Religião, Etnicidade e Violência**. In. Religião, Violência e suas Interfaces. Org. Irene Dias de Oliveira; Clóvis Ecco. Goiânia: Kelps, 2012.
- ORO, Ico Pedro. **O Outro é o Demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo**. São Paulo: Paulus, 1996.
- REIMER, Haroldo. **Hermenêutica Ecológica de Textos Bíblicos**. In. Lecturas Bíblicas Latino-Americanas y Caribenas. Revista de Interpretación Bíblica Latino-Americana, Petrópolis, n.50, 2005, p. 120-124. (Impresso)
- REIS, José Carlos. **História da “consciência” Ocidental Contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricoeur**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011.
- RICHARD, Pablo. **Lectura popular de la Biblia en América Latina. Hermenéutica de la liberación**. Revista de Interpretación Bíblica Latino-Americana, Petrópolis, n.1, p. 30-48, 1988. (Impresso)
- RICHTER REIMER, Ivoni. **Fé, Amor e Comunhão na Superação da Escravidão: Desafios para mulheres e homens na Igreja**. In. Interpretación e Recepção de Textos Bíblicos. Org. Ivoni Richter Reimer e Haroldo Reimer. São Leopoldo: Oikos, 2013.
- RICHTER REIMER, Ivoni; BUSCEMI, Maria Soave. **Respiros... Entre transpiración y conspiración**. Revista de Interpretación Bíblica Latino-Americana, Petrópolis, v.50, p. 109-113, 2005. (Impresso)
- SIEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Tradução de Laureano Pelegrin. São Paulo: EDUSC, 1999.
- STURZ, Richard J. **Teologia Sistemática**. Tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova. 2012.
- TERRIN, Aldo Natale. **O Sagrado Off Limits: a experiência religiosa e suas expressões**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- TILLICH, Paul. **Perspectiva da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX**. São Paulo: ASTE. 1999.

Enviado em: 23/07/2020.

Aceito em: 28/08/2020.